



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



DE RAIZ COXINENSE AO MUNDO: “*UM OLHAR MARGINAL*” ACERCA DO MURAL *ZACARIAS MOURÃO*, DE EDUARDO KOBRA

Priscila Ferreira Machado¹

Ivanildo José da Silva²

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo o mural *Zacarias Mourão* do artista plástico e muralista Eduardo Kobra. A pesquisa tem a finalidade de analisar o mural *Zacarias Mourão*, localizado na cidade de Coxim e que tem influências de diferentes teóricos que foram pesquisados no trabalho, sobretudo a cultura marginal, grafite e pichação, levada para o mundo através das mãos de Kobra. Como aparato teórico, tem-se as contribuições de Dondis (2003), Achugar (2006), Quijano (1978), Vieira (2015), Fort (2016), Fonseca (2020) e Menegazzo (1991).

Palavras-chave: Zacarias Mourão. Kobra. Cultura marginal.

Abstract

This work has as its object of study the mural *Zacarias Mourão* by the artist and muralist Eduardo Kobra. The research aims to analyze the mural *Zacarias Mourão*, located in the city of Coxim and which has influences from different theorists who were researched in the work, especially marginal culture, graffiti and tagging, taken to the world through the hands of Kobra. As a theoretical apparatus, we have the contributions of Dondis (2003), Achugar (2006), Enedino (2008), Quijano (1978), Vieira (2015), Fort (2016), Fonseca (2020) and Menegazzo (1991).

Keywords: Zacarias Mourão. Kobra. Marginal culture.

¹ Acadêmica do oitavo semestre de Letras - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Coxim.

² Orientador. Docente do curso de Letras - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Coxim.

Introdução

Eu sou um sonhador da arte.

Eduardo Kobra

Este trabalho propõe uma investigação acerca do mural *Zacarias Mourão*, de Eduardo Kobra. É uma análise da arte do grafite, caracterizada como uma expressão cultural, que ainda hoje é vista como uma configuração artística marginal. Por essa perspectiva, será discorrida a trajetória do renomado muralista brasileiro Carlos Eduardo Fernandes, conhecido como Kobra, desde seu envolvimento inicial com pichações até a evolução de sua carreira com a criação de murais de grande escala, repletos de cores vibrantes e temas impactantes retratados nos rincões brasileiros e no exterior.

Sob esse prisma, será explorada a jornada de Kobra, inicialmente marcada por conflitos devido à ilegalidade da pichação, ocasião em que o artista chegou a ser preso algumas vezes pelo fato de que a pichação é proibida no Brasil. Segundo o artigo 65 da Lei 9.605/98, pichação é crime ambiental e de vandalismo, que se transformou em uma expressão artística que transcende os limites dos muros urbanos. Pretende-se abordar a importância cultural das práticas de pichação e grafite em certos grupos sociais - como a arte de Kobra - defendendo a democratização do acesso à cultura, à literatura e outras artes para toda a população.

Posteriormente serão observadas nas obras de Kobra, a influência da estética do modernismo, especialmente do cubismo, e também perceber a proximidade do seu trabalho com o de outros artistas que ressaltam a importância de levar a arte para espaços públicos.

Por fim, o mural *Zacarias Mourão* será analisado como um exemplo representativo do estilo de Kobra, uma fusão de elementos históricos, literários e folclóricos em uma obra de arte de grande dimensão. Este estudo enfatiza o impacto social e cultural da pintura mural de Kobra que vai, sobremaneira, além da estética. É necessário refletir que a literatura e a arte devem ser compreendidas e apreciadas por toda a sociedade, quebrando barreiras sociais e promovendo a democratização do conhecimento e da cultura. Kobra, por meio de suas obras, exemplifica a capacidade da arte de transcender fronteiras e criar um diálogo inclusivo com o público em geral.

O mural de Coxim-MS se torna uma obra que ajudará no resgate da tradição e memória coxinense. Se Zacarias Mourão levou a cidade a reconhecimento de tantas outras pessoas através da música Pé de Cedro (símbolo da cidade) no ano de 1959 e tornando-a conhecida e possibilitando notoriedade a nível nacional, Kobra vem de encontro a toda essa questão simbólico-cultural, ajudando na valorização do município e fortalecendo a sensação de pertencimento de seus habitantes e também da cultura, levando nossa raiz para o mundo.

1. Pixos teóricos: cultura marginalizada e expressão artística

As diferentes expressões artísticas têm se tornado um meio poderoso para indivíduos e comunidades marginalizadas para se manifestarem, resistirem e reivindicarem sua voz e identidade. A arte pode servir como um veículo para desafiar as normas sociais, questionar desigualdades e oferecer um meio para contar histórias que, de outra forma, poderiam ser ignoradas.

De acordo com Achugar (2006) “As concepções de marginalizado e subalterno exercem a mesma conotação de excluídos, os que estão fora dos “grandes centros culturais”. [...] seus discursos são sempre proferidos de um centro que fala por eles, em todas as dimensões.”

Entende-se que o indivíduo marginalizado é aquele que “o destino condenou a viver em duas sociedades e em duas culturas, não apenas diferentes, porém antagônicas”. (QUIJANO, 1978, p.14). O conceito de “marginalidade”, se trata de um fenômeno psicológico de cunho individual, que consiste no conjunto de tensões e conflitos entre os elementos que sendo provenientes de culturas antagônicas, estão incorporados à personalidade de um indivíduo, tanto numa situação de mudança, quanto de conflitos culturais e por esta causa, este não é capaz de orientar-se coerentemente em relação aos problemas de participação na cultura.

A atividade pichação é frequentemente subestimada e ridicularizada como atividade comum do século atual. As inscrições em paredes, hodiernamente, podem ser vistas como uma expressão humana ancestral, muitas vezes usadas para registrar eventos, transmitir mensagens políticas, religiosas ou pessoais, ou simplesmente deixar vestígios de presença. Celso Gitahy (1999, p. 20) afirma que “a pichação não é exclusividade das sociedades atuais”. Vários autores se empenham em procurar descrever o surgimento de inscrições nas paredes e nos muros do mundo, particularmente em solo brasileiro. O grafite ocupou pela primeira vez seu espaço no circuito oficial de arte em 1983, no Brasil, quando o artista Keith Haring e outros grafiteiros expuseram seus trabalhos na Bienal de São Paulo.

Na esteira de tal pensamento, as pichações e grafites inicialmente eram consideradas parte da cultura marginalizada e classificadas como expressões constantemente incompreendidas. A cultura marginalizada, rica em expressões e vivências, reflete as realidades das populações menos privilegiadas em termos de informações e recursos.

[...] temos o início do ato de grafitar na Grécia antiga, que se populariza ainda mais posteriormente, quando permaneceu sob o domínio romano. Raros registros físicos sobreviveram dada a efemeridade do ato, mas graças à fossilização imediata de Pompeia no ano de 79 d.C., com a erupção do monte Vesúvio, não apenas utensílios domésticos, mobiliário e pessoas foram preservadas para pesquisa. Inúmeras inscrições parietais sobreviveram e seus registros demonstram que, provavelmente, essa era uma prática comum no Império e que era o veículo mais utilizado para exercitar a crítica e a insatisfação social. (SAMPAIO, 2006, p. 16 apud CRUZ, 2014, p. 25)

Enquanto alguns encaram o ato de grafitar como invasão da privacidade alheia, para alguns pichadores é uma forma de exposição artística. Se analisar o contraste e a relação com a estética, é visível que as duas manifestações podem ser consideradas diferentes, há quem arrisque dizer que grafite e *pixo*³ estão no mesmo lugar quando comparados, devido à essência ser a mesma, com o intuito de marcar espaço, conquistar território e “deixar o nome lá” como uma assinatura pública, onde todos podem ver. Diferenciando-se através da técnica empregada e a coloração, que busca explorar tonalidades variadas.

A diferença entre o grafite e a pichação é que um privilegia o desenho, enquanto o outro engloba a palavra e a escrita. Essa forma de expressão- como arte de rua- é protagonizada principalmente ao entretenimento da juventude periférica, encontram-se em modalidades que vão desde a pichação em simples muros quanto à escaladas em prédios e construções altas, onde acabam desafiando o perigo e colocando em risco a saúde física dos entusiastas que se arriscam em colocar a pichação em prática. Vale ressaltar que nos pixos, as letras utilizadas são uma linguagem da rua, não possibilitando a compreensão de todos, dado que abrange uma simbologia que é decifrável, especificamente, para aqueles que estão inseridos dentro desse grupo.

Arte de Rua é um termo que dá crédito ao fluxo artístico que emergiu das ruas. Alguns artistas concordam, totalmente, que este termo é usado pelos que estão de fora e pelo mundo das artes, como um significado para entender e aprender sobre o movimento. Por outro lado, para os artistas, é muitas vezes visto como muito amplo para envolver a realidade do que é o Movimento. (DANYSZ & DANA, 2011, p. 18 e 19, tradução livre)

A pichação para alguns jovens, ressoa como um momento de lazer e acesso a cultura, assim explora-se a importância do acesso universal à cultura e literatura, como "bens compreensíveis". Para Antonio Candido, a literatura, assim como as demais manifestações artísticas, não devem ser um privilégio de uma parcela da população, mas sim uma realidade

³ Pixo, por sua vez, é uma manifestação artística que surgiu nas periferias de São Paulo na década de 1980 e tem como objetivo principal a ocupação do espaço urbano através de grandes letras estilizadas.

comum para todos. A literatura, nesse contexto, não se limita apenas à escrita, mas engloba todas as formas de arte que promovem conhecimento e sabedoria. De acordo com “[...] cada sociedade cria suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles.” (CÂNDIDO, 2005, p.175)

Nas mais antigas cidades gregas e romanas, Funari (2003, p. 78) afirma que os grafites constituem a evidência de instrução das classes populares, pois o aprendizado destes humildes diferenciava-se da erudição escolar. E que as intervenções nas paredes, além de numerosas, decorriam de vários grupos populares da cidade, de camponeses e artesãos, de gladiadores e lavadores. Através dessas formas de expressão (grafites) foi possível observar o grau da oposição popular entre a elite local e o espaço de liberdade ao povo comum, devido às intervenções murais. Eram diversos os temas dos grafites e referiam-se às campanhas eleitorais, poemas amorosos, satíricos, assinaturas, insultos, caricaturas e trocadilhos. É provável que os grafites possam estar associados também a diferentes movimentos e tribos urbanas como o *hip-hop* e outros variados graus de transgressão.

Há rastros de que o grafite teria se originado na década de 1970 nos Estados Unidos, propriamente dito. E, ainda hoje é uma manifestação cultural criticada e não aceita por muitos, dividindo as opiniões sobre arte urbana a atitude do prefeito da capital paulista, João Dória, em 2017, que providenciou que fossem apagadas as artes da *Avenida 23 de Maio*, como parte do Programa *São Paulo Cidade Linda*. Conforme o excerto:

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que armado da verdade, por si só exercita a revolução. (VAZ, 2011, p. 50)

A contracultura e os elementos que ainda restam em nosso cotidiano, como forma de resistência, são formas pelas quais há a ruptura com a cultura hegemônica. No tocante a representação de cultura de um povo, é baseado na representação que uma população tem de si mesmo no interior de uma sociedade. De tal forma que a arte é uma porta para a realização de uma democracia significativa.

2. Obras monumentais de Kobra: influências e técnicas

É através da arte que os indivíduos podem transmitir suas emoções, experiências, pensamentos e interpretações do mundo ao seu redor. Cada expressão artística, seja pintura, escultura, música, dança, literatura ou qualquer outra manifestação criativa, carrega consigo elementos culturais únicos que podem ser compartilhados e compreendidos por diferentes comunidades.

O muralista Kobra começou a desenhar em muros na clandestinidade, como pichador, ainda no período da sua adolescência. O apelido “Kobra” originou-se na sua juventude, e se deu pela perfeição nos desenhos. Era visível no garoto o gosto pela espontânea arte de rua. Mesmo jovem, colecionava advertências por intervenções não autorizadas na escola, chegando a ser detido três vezes por crime ambiental, devido ao uso irregular de *sprays* em muros. A primeira vez que viu seu trabalho sendo bem-sucedido, foi nos anos de 1990, momento em que trabalhou fazendo cartazes, pintando cenários de brinquedos e criando imagens decorativas para eventos no maior parque de diversões do Brasil, *Park Play Center*. Através deste trabalho surgiram outros convites para atuar em outras empresas e agências de publicidade, assim fazendo Kobra dar início a sua jornada de muralista.

Kobra, é um artista autodidata, viveu diferentes fases na sua carreira como pichador nas ilegalidades dos muros, grafiteiro para uma empresa privada e atualmente se define como muralista (manifestação artística que surgiu no México, na primeira metade do século XX). Essa arte se utiliza de paredes e painéis permanentes como suporte para suas obras. Em carta enviada à presidente do Supremo Tribunal Federal, junto a uma obra realizada por Kobra, explica que uma das mais importantes funções da arte é provocar reflexão, por isso escolhe com responsabilidade os temas de suas artes.(CONJUR, 2023)

As obras monumentais de Kobra são provas visíveis de expressões que mesmo sendo consideradas vandalismo, levam diferentes abordagens como o cubismo contemporâneo. Seus murais, presentes em diversas cidades do mundo, tornaram atrações turísticas e veículos de luta por causas sociais, proporcionando aos cidadãos o acesso à literatura.

Além disso, o uso ousado das cores em suas obras, assim como a sobreposição de diferentes elementos visuais, também refletem aspectos do cubismo⁴. Kobra usa uma paleta

⁴ O Cubismo surgiu em 1907 valorizando as formas geométricas, tais como cubos, cones e cilindros, e entrou em decadência já na Primeira Guerra Mundial. Inicialmente, o movimento cubista desenvolveu-se na pintura, a partir de experiências do espanhol Pablo Picasso e do francês Georges Braque, que representam os objetos, por assim dizer, “cubificados”, para apontar ângulos da realidade cotidiana. (CAMPEDELLI, 2003, 325)

vibrante e contrastante, criando um impacto visual forte que lembra a abordagem cromática característica desse movimento estético.

O estudo minucioso do trabalho de Kobra ressalta sua técnica que integra elementos do cubismo. Suas grandiosas obras, frequentemente representando figuras emblemáticas, sobressaem-se pela fragmentação dessas figuras em formas geométricas e pelo emprego audacioso das cores. Kobra foi influenciado por diversos artistas, incluindo os mexicanos Diego Rivera e David Siqueiros, bem como os norte-americanos Keith Haring, Eric Grohe e Banksy.

Diego Rivera que é um dos pioneiros do muralismo mexicano e é conhecido por seus murais repletos de informações culturais e histórias, se assemelhando com os murais de David Siqueiros, que utiliza os muros como telas e as histórias e culturas como fontes de manifestação, ambos abordam a cultura e a política mexicana. Essas abordagens influenciaram Kobra, que usa a arte pública como uma forma de democratizar a cultura e aproximar a arte do público. Os murais do Kobra são carregados de conteúdos enfáticos e cheios de informações, suas pinturas são em grande maioria pintadas com cores fortes e são de grande expansão. O artista tem obras espalhadas pelo mundo, todas pontuando figuras importantes do país, estado ou cidade.

Eduardo Kobra, além de grafitar em muros, também tem os prédios como telas. Os grafites urbanos de Keith Haring foram um alicerce para o início da carreira do artista muralista. Haring usava o espaço público para apresentar suas artes icônicas. Outro americano que serviu como base para a trajetória de Kobra foi Eric Grohe, artista conhecido por suas pinturas em murais de grande escala e presença de sombreamento, criando a sensação de profundidade, técnica que Kobra utiliza em seus trabalhos.

O artista, além de ter traços hiper realistas, com a utilização de sombreamento, técnicas inspiradas pelo artista Banksy, conhecido nas ruas britânicas por obras provocativas e alusões às obras com efeitos de sombreamento. Kobra ao fazer seus grandiosos murais utiliza tintas *sprays*, pintura livre, traços precisos e suaves fazendo que o espectador da obra de arte se prenda na visualização do conteúdo.

3. Grafite cultural: a arte mural *Zacarias Mourão*



Imagem 01 - Fonte: *Enfoque MS*. Eduardo Bampi.

O mural Zacarias Mourão é o primeiro mural feito por Kobra que apresenta o regionalismo e a história de uma cidade do interior. Essa obra de arte exposta ao ar livre traz as seguintes dimensões: tem 6 metros de altura por 19,60 metros de largura, o mural tem uma presença imponente na praça “Zacarias Mourão”, o tamanho do mural proporciona ao público uma experiência visual impactante.

Embora inúmeras pesquisas tematizem o grafite, a pichação e as demais modalidades da arte urbana, na tentativa de discutir e exibir seu valor artístico e cultural, poucas pesquisas ousam abordá-las pelo viés do patrimônio cultural, devido ao seu caráter efêmero”. (ANDRADE e LAMAS, 2021, p.391)

A beleza da obra em Coxim se destaca pela composição de cores mais vibrantes e elementos regionais através do grafite de Kobra. A obra Zacarias Mourão localiza-se no centro da cidade de Coxim, ladeado do imponente Pé de Cedro, importante símbolo da cidade,

o que faz o mural ser ainda mais atraente e rico de informações para aqueles que a visualizam, tornando-se um patrimônio cultural e histórico.

A obra alusiva ao compositor e cantor Zacarias Mourão, que plantou o famoso Pé de Cedro (árvore considerada monumento histórico da cidade de Coxim, na região norte do Mato Grosso do Sul) é reconhecida por representar a cidade através da música, canção homônima Pé de Cedro, de Zacarias Mourão e Goiás por meio de sua simplicidade ao trazer encanto para a praça.

Ao fundo do mural vê-se (Imagem 01) diversas cores como verde, amarelo, vermelho, laranja, roxo, cinza entre outras cores, preenchendo os traços triangulares que remetem ao cubismo do qual é responsável por configurar o fundo da imagem. Esses traços chamam a atenção dos visitantes que se encantam por toda sua harmonicidade.

A cor está relacionada aos diferentes comprimentos de ondas do espectro eletromagnético e, por isso, é percebida pelas pessoas como uma sensação que permite diferenciar os objetos do espaço com maior precisão. Assim a percepção da cor também torna-se um dos elementos essenciais na compreensão de um ambiente e de seus componentes. (NUNES, 2012, p.64)

Como destaque temos um homem com o antebraço tatuado, com folhas de cedro e o nome *Pé de Cedro*. O homem que toca o instrumento utiliza-se uma pulseira, um acessório comum no meio sertanejo, em especial o universitário. Sua camiseta listrada, com as cores preto e branco, nos remete a uma jovialidade.

Na arte ainda é visto um violão com a imagem de Zacarias Mourão gravada sobre o instrumento por meio de traços realistas, destacando a figura do compositor, trazendo toda a carga e sentimentalismo para o mural.

Para que o artista possa revelar seu estar no mundo, é preciso que sua obra se configure em imagem que abarque ao mesmo tempo a individualidade, enquanto criação, a contemporaneidade, na visão do mundo e a esteticidade que, ao revelar o artístico, ultrapasse as barreiras de tempo e de espaço. (Menegazzo, 1991, p.211)

A cidade de Coxim é uma rota de olhares, dado que é considerada a capital do norte. Através da criação do mural e da praça *Zacarias Mourão* foi reestruturado o patrimônio cultural. O mural *Zacarias Mourão* não é apenas um grafite, é o início de um projeto de trazer a cultura aos marginalizados, mostrando que o grafite é uma forma artística, que combinado com diferentes conteúdos, proporcionam experiências visuais e significativas para todos.

Conclusão

Ao longo desta pesquisa, verificamos a notável trajetória artística de Eduardo Kobra, o muralista brasileiro cuja carreira evoluiu de desafios na pichação para uma renomada expressão muralista internacional. Sua abordagem ousada ao cubismo, evidente em obras monumentais como em *Zacarias Mourão*, ressoa como uma fusão única de influências históricas e locais.

Uma análise do cubismo como movimento artístico revela como Kobra reinterpreta os princípios deste estilo em suas criações, fragmentando figuras em formas geométricas e incorporando uma paleta ousada que se destaca em meio à paisagem urbana. A ligação com o muralismo mexicano, através de Diego Rivera e David Siqueiros, e também com Keith Haring, Eric Grohe e Banksy é visível o compromisso de Kobra em democratizar a arte, tornando-a acessível ao público em escala global.

Ao examinar a cultura marginalizada, que permeia suas obras, percebemos que Kobra não apenas pinta murais, mas tece narrativas visuais que refletem as experiências, lutas e expressões da população menos abastecida de informações e recursos . A inclusão de elementos folclóricos e históricos em *Zacarias Mourão* exemplifica seu compromisso em conectar sua arte com as raízes culturais locais.

A discussão sobre o direito à literatura, conforme apresentada por Antonio Candido, destaca a importância de tornar uma cultura acessível a todos os estratos da sociedade. Kobra, ao fazer suas obras, opera como um agente de democratização cultural, transformando espaços urbanos em telas que contam histórias, desafiam convenções e, acima de tudo, aproximam a arte do público.

A análise, a obra de Eduardo Kobra vai além de ser visualmente impressionante; é uma declaração sobre a diversidade cultural, a democratização da arte e a capacidade de expressão como uma forma de resistência e conexão. À medida que suas obras continuam a inspirar e provocar reflexões, entende-se que Kobra não é apenas um muralista talentoso, mas um contador de histórias visuais que transcendem fronteiras geográficas e culturais. Sendo assim, o atual estudo destaca a importância de compreender a interseção entre arte, cultura e sociedade, reforçando a ideia de que a expressão artística, quando acessível, tem o poder de transformar e unir comunidades. Eduardo Kobra, através de seus grafites, não apenas adiciona beleza ao cenário urbano, mas também cria um diálogo intenso sobre quem somos, de onde viemos e para onde podemos ir através da expressão artística.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre cultura, arte e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento: Ed. UFMG, 2006.

ANDRADE, Larissa Bergue e LAMAS, Nadja de Carvalho. A arte mural, grafite e o patrimônio cultural: uma revisão de literatura : Assis, SP, v. 17, n. 1, p. 382-402, janeiro-junho de 2021.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. 1988.

COMPEDELLI, Samira Youssef. Literaturas: brasileira e portuguesa: teoria e texto: volume único. Samira Youssef Campedelli, Jésus Barbosa Souza. São Paulo: Saraiva, 2003.

DONDIS A. Dondis. Sintaxe da Linguagem Visual, Tradução: Jefferson Luiz Camargo: Ed. Martins Fontes . 2003.

MENEGAZZO, Maria Adélia. Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguarda. Ed: Enilda Mougenot Pires. 2013.

QUIJANO, Aníbal. Notas sobre o conceito de marginalidade social. In: PEREIRA, Luiz (Org.). *Populações "marginais"* . São Paulo: Duas Cidades, 1978, p. 11- 71.

ARTISTA KOBRA PRESENTEIA STF COM OBRA SOBRE A CONSTITUIÇÃO. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/justica/artista-kobra-presenteia-stf-com-obra-sobre-a-constituicao/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

EDUARDO KOBRA: CONHEÇA MAIS DE SUA OBRA E HISTÓRIA. Disponível em: <<https://abra.com.br/artigos/eduardo-kobra/#:~:text=Foi%20no%20ano%20de%202007,regatar%20a%20hist%C3%B3ria%20da%20regi%C3%A3o.>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ENEDINO, Wagner Corsino; CASTRO, Gizylene Clímaco de. LITERATURA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL: A MARGINALIDADE E A SUBALTERNIDADE EM PLÍNIO MARCOS. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num13/art_07.php> Acesso em: 17 nov. 2023.

FONSECA, Hellen Alexandrina Marques de; REINATO, José Eduardo. O PROTAGONISMO JUVENIL NO GRAFITE: PROCESSOS CONSTITUTIVOS E HISTÓRICOS NA CONTRACULTURA. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/download/7965/4943>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

FORT, Mônica Cristine; GOHL, Fernando César. CONFLITOS URBANOS: GRAFITE E PICHANÇA EM CONFRONTO DEVIDO À LEGISLAÇÃO REPRESSIVA. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/download/17412/19172>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

KOBRA. Disponível em: <<https://www.eduardokobra.com/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

Kobra entrega em Coxim mural homenageia compositor do 'Pé de Cedro'. Disponível em: <<https://www.enfoquems.com.br/kobra-entrega-em-coxim-mural-homenageia-compositor-do-pe-de-cedro/>>

Kobra, um dos maiores muralistas do mundo, inicia projeto em Coxim. Disponível em: <https://diariodoestados.com.br/noticia/18748,Kobra,%2Bum%2Bdos%2Bmaiores%2Bmuralistas%2Bdo%2Bmundo,%2Binicia%2Bprojeto%2Bem%2BCoxim%2B.html>

MARIA, Elina. PIXO: Pixação e Graffiti como forma de expressão marginalizada. Disponível em: <https://issuu.com/elinamaria_/docs/revista_pixo/s/26985191> Acesso em: 18 nov. 2023.

VIEIRA, Bárbara Costa. GRAFFITI E PIXAÇÃO: PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO E RESISTÊNCIA. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcapjpcgclefindmkaj/https://bdm.unb.br/bitstream/10483/11593/1/2015_BarbaraCostaVieira.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.